

## EPÍGRAFE

*Sou bem-nascido. Menino,  
Fui, como os demais, feliz.  
Depois, veio o mau destino  
E fez de mim o que quis.*

*Veio o mau génio da vida,  
Rompeu em meu coração,  
Levou tudo de vencida,  
Rugiu como um furacão,*

*Turbou, partiu, abateu,  
Queimou sem razão nem dó —  
Ah, que dor!*

*Magoado e só,  
— Só! — meu coração ardeu:*

*Ardeu em gritos dementes  
Na sua paixão sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria.*

*— Esta pouca cinza fria...*

1917.

## DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora  
De desalento... de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...  
Tristeza esparsa... remorso vão...  
Dói-me nas veias. Amargo e quente,  
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca,  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca.

— Eu faço versos como quem morre.

*Teresópolis, 1912.*

## A CAMÕES

Quando nalma pesar de tua raça  
A névoa da apagada e vil tristeza,  
Busque ela sempre a glória que não passa,  
Em teu poema de heroísmo e de beleza.

Génio purificado na desgraça,  
Tu resumiste em ti toda a grandeza:  
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça  
O amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ecoar na mente  
Da estirpe que em perigos sublimados  
Plantou a cruz em cada continente,

Não morrerá, sem poetas nem soldados,  
A língua em que cantaste rudemente  
As armas e os barões assinalados.

## A ANTÓNIO NOBRE

Tu que penaste tanto e em cujo canto  
Há a ingenuidade santa do menino;  
Que amaste os choupos, o dobrar do sino,  
E cujo pranto faz correr o pranto:

Com que magoado olhar, magoado espanto  
Revejo em teu destino o meu destino!  
Essa dor de tossir bebendo o ar fino,  
A esmorecer e desejando tanto...

Mas tu dormiste em paz como as crianças.  
Sorriu a Glória às tuas esperanças  
E beijou-te na boca... O lindo som!

Quem me dará o beijo que cobiço?  
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso...  
Eu, não terei a Glória... nem fui bom.

*Petrópolis, 3-2-1916.*

## VERSOS ESCRITOS NÁGUA

Os poucos versos que aí vão,  
Em lugar de outros é que os ponho.  
Tu que me lêes, deixo ao teu sonho  
Imaginar como serão.

Neles porás tua tristeza  
Ou bem teu júbilo, e, talvez,  
Lhes acharás, tu que me lêes,  
Alguma sombra de beleza...

Quem os ouviu não os amou.  
Meus pobres versos comovidos!  
Por isso fiquem esquecidos  
Onde o mau vento os atirou.